

ESP - 4/3/1967

GRAMÁTICA

José Antônio Tobias, -LÓGICA E GRAMÁTICA, Marília, Faculdade de Filosofia, 1966, 53 págs.

Constituindo o quinto volume da série "Estudos" editada pela Faculdade de Filosofia de Marília, sai à luz este trabalho do Prof. J.A.Tobias, livre-docente pela PUC do Rio Grande do Sul e autor de diversos trabalhos sobre Filosofia, Filosofia da Educação e Estética.

Versa o tema clássico das relações que medeiam entre as formas da língua e as categorias do pensamento. É matéria que tem dividido as opiniões, afirmando os logicistas que a uma forma da língua corresponde sempre uma categoria ~~mx~~ intelectual nítida e invariável, ao que contrapõem os antilogicistas o caráter ilógico, afetivo e espontâneo da língua, ~~arepelir~~ aquela univocidade.

O trabalho compreende duas partes: Filosofia da Linguagem e Relações ~~entre~~ a Lógica e a Gramática.

Não se encontram na primeira parte os tópicos a que nos trazem habituados ~~ms~~ filósofos da linguagem como Dauzat e Vossler, que escreveram sobre as características gerais da linguagem, descrição e evolução da língua, língua e cultura, métodos de estudo lingüístico. Enquanto estes são menos filósofos ~~que~~ ^{et} lingüistas, o A. é menos lingüista ~~que~~ ^{et} filósofo, daqui procurar inicialmente situar a Filosofia da Linguagem, que dispõe no domínio da Lógica, examinando ao depois as causas da linguagem (p. 8), sua natureza e finalidades. Situado numa perspectiva escolástica, não tarda em ~~cometer~~ ^{cometer} uma Teologia da Linguagem (p. 31 e ss.), considerando a linguagem dos anjos, pois "de fato, o estudo do anjo constitui excelente alavanca para se aclarar vários mistérios da ciência quando ~~ventila~~ ^{ventila} algo da parte espiritual do homem".

Na segunda parte assenta que a Lógica é a ciência que estabelece ordem nas idéias, nos juízos, nos raciocínios; acredita, por isso, que é impossível falar, e mesmo pensar, sem a Lógica (pp. 34-35). Sendo a Gramática uma ciência indutiva e não podendo haver ciência sem Lógica, conclui que não pode haver Gramática sem Lógica, p. 36, tornando-se aquela um fruto desta.

O antilogicismo surgiu entre os gramáticos a partir do momento em que se supôs que a Lógica fôsse uma ciência dedutiva, apriorista, em conflito com o caráter indutivo da Gramática. Esse movimento decorre, portanto, de uma incompreensão do que é a Lógica,

pois "o termo 'lógicamente'() ora significa 'aprioristicamente', e é condenável, ora significa 'racionalmente, indutivamente', e neste caso é louvável e necessário" (p. 43). Assim postas as coisas, verifica-se que há uma relação necessária entre a Lógica e a Gramática. Essa relação é de subalternação, pois a Gramática toma de empréstimo à Lógica os critérios de verdade, os princípios de indução e de dedução, de dúvida e de certeza (p. 48).

Infere-se disto que o A. aceita a relação entre Gramática e Lógica em termos gerais, abstendo-se de defender os que reduzem a língua a um campo passível de verificações exclusivamente logicistas.

Cerra o volume um apêndice em que se examina o conhecido ensaio de E. Coseriu, "Logicismo e Antilogicismo em Gramática", publicado na "Revista Brasileira de Filologia", vol. 2, tomo 2. E por aqui gostaríamos de iniciar nossas observações ao trabalho que resenhamos.

Parece ter havido uma ligeira incompreensão do texto de Coseriu, que não se ateu a reprovar tanto "o logicismo como o antilogicismo, procurando manter-se em justo meio" (p. 49). O que empreendeu o professor de Tübingen foi assinalar os erros de cada uma dessas posições, indicando-lhes em seguida as tarefas: à primeira compete definir, e à segunda comprovar e descrever. O logicismo é insubstituível na composição da teoria das categorias lingüísticas, enquanto que o antilogicismo se consagra a "investigações distintas e igualmente válidas, que se ocupam de outros aspectos da linguagem e se propõem outros problemas" (p. 243 do art. de Coseriu).

O A. afirma que não é possível falar sem a Lógica; é ponto de vista em que não se pode radicalizar, desde que levemos em conta a linguagem poética, que se vale de sugestões e não de juízos ou raciocínios. Nesta mesma linha, não se pode desdenhar toda uma estirpe de estudiosos consagrados à avaliação do contributo afetivo à elaboração lingüística, entre eles Bally, citado na Bibliografia.

Há, por outro lado, uma sorte de neologicismo entre certos lingüistas, de que uma análise filosófica muito valorizaria o trabalho. Refiro-me a F. Brunot (cit. na Bibliografia), J. Damourette e E. Pichon, e bem assim aos chamados neo-racionalistas M. Regula, G. Galichet e sobretudo G. Guillaume, estudados por P. Guiraud em seu excelente "La Grammaire". Acrescentem-se a estes William Bull e Klaus Heger, que avaliaram em trabalhos recentes o rendimento das línguas em relação a uma estrutura lógica que devem retratar, e que é tomada como ponto de referência.

Naturalmente o A. não havia de conhecer tais autores, pois, como já o dissemos, é manifestamente mais filósofo que lingüista.

Deslizes menores devem ser sanados numa edição próxima: evitem-se as interrogativas pouco judiciosas da p. 34 ("A Lógica é a ciência que estabelece a ordem nas idéias, nos juízos e raciocínios. Mas, ordem para quê? ()Ordem alfabética? ordem por tamanho?") e impeça-se a irrupção do espírito polêmico que leva a recriminações de ordem pessoal num contexto de explanação teórica (p. 42), mesmo que se encontre uma polêmica na origem do trabalho.

Estas observações em nada desvalorizam a obra, antes procuram propor-lhe melhorias de que o A. é capaz.

ATC



Ataliba T. de Castilho